

## **RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE:**

Perspectiva afrodiaspórica e interseccional sobre o cotidiano das juventudes periféricas

## **RACE, GENDER AND SEXUALITY:**

Afrodiasporic and intersectional perspectives about poor youth's everyday life

## **RAZA, GÉNERO Y SEXUALIDAD:**

Perspectiva afrodiáspórica e interseccional sobre la vida cotidiana de la juventud periférica

### **Leticia Ambrosio**

Doutoranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, Professora Substituta no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

[leambrosio.to@gmail.com](mailto:leambrosio.to@gmail.com)

*Recebido em: 11/01/2022*

*Aceito para publicação: 21/02/2022*

### **Resumo**

A construção social e simbólica das juventudes tem o corpo como território de existência, reprodução e transformação social. Os cotidianos juvenis estão marcados pelo alargamento de possibilidades e também pelos agravantes das dificuldades globais: desigualdade, pobreza, precarização de políticas públicas, violência e outros. Os marcadores identitários dos jovens, inscritos nos corpos, se apresentam como fatores que influenciam diretamente seu cotidiano: classe, raça, gênero e sexualidade. A fim de compreender o cotidiano juvenil a partir de marcadores identitários, essa pesquisa se propôs a analisar a cotidianidade de seis jovens moradores de uma periferia e, a partir de referenciais afrodiaspóricos e interseccionais, propor discussões sobre marcadores identitários. Utiliza a perspectiva fenomenológica e crítica, baseada em Frantz Fanon, como marco metodológico, priorizando as experiências dos próprios jovens e debatendo temáticas que emergem das corpo-cotidianidades juvenis. Os resultados apresentam entrelaçamentos entre as questões raciais, de gênero e sexualidade e apontam para demandas emergentes frente às transformações sociais e os enfrentamentos das estruturas de opressão.

**Palavras-chave:** Juventude; População Negra; Cotidiano; Racismo; Patriarcado.

### **Abstract**

The social and symbolic construction of youth has the body as a territory of existence, reproduction and social transformation. Youth everyday life is marked by the expansion of possibilities and also by the aggravating factors of global difficulties: inequality, poverty, precariousness of public policies, violence and others. The identity markers of young people, inscribed on their bodies, are presented as factors that directly influence their everyday life: class, race, gender and sexuality. In order to understand the everyday life of young people from identity markers, this research proposed to analyze the everyday life of six young people living in a periphery and, from Afro-diasporic and intersectional references, to propose discussions about identity markers. It uses the phenomenological and critical perspective, based on Frantz Fanon, as a methodological framework, prioritizing the experiences of young people themselves and debating themes that emerge from youth body-everyday-liveness. The results show intersections between racial, gender and sexuality issues and point to emerging demands in the face of social transformations and confrontations with the structures of oppress.

**Key-words:** Youth; Black Population; Everyday life; Racism; Patriarchy.

### **Resumen**

La construcción social y simbólica de la juventud tiene al cuerpo como territorio de existencia, reproducción y transformación social. El cotidiano de los jóvenes está marcado por la ampliación de posibilidades y también por los agravantes de las dificultades globales: desigualdad, pobreza, precariedad de las políticas públicas, violencia y otros. Los marcadores de identidad de los jóvenes, inscritos en sus cuerpos, se presentan como factores que influyen directamente en su vida cotidiana: clase, raza, género y sexualidad. Para comprender el cotidiano de los jóvenes a partir de los marcadores identitarios, esta investigación se propuso analizar el cotidiano de seis jóvenes que viven en una periferia y, a partir de referentes afrodiaspóricos e interseccionales, proponer discusiones sobre los marcadores identitarios. Utiliza la perspectiva fenomenológica y crítica, basada en Frantz Fanon, como marco metodológico, priorizando las experiencias de los propios jóvenes y debatiendo temas que emergen de la cotidianidad del cuerpo juvenil. Los resultados muestran entrelazamientos entre cuestiones raciales, de género y sexualidad y apuntan a demandas emergentes frente a las transformaciones sociales y los enfrentamientos con las estructuras de opresión.

**Palabras clave:** Juventud; Población Negra; Cotidiano; Racismo; Patriarcado.

## Introdução

Pesquisar a categoria jovem é por si só um desafio. As definições de quem e sobre quem é o jovem são complexas, tanto pela busca de definições biológicas e etárias, quanto pelas definições socialmente construídas ao longo da história da humanidade (PAIS, 1990). A partir da Sociologia das Juventudes, definimos não uma juventude, mas uma pluralidade de grupos juvenis heterogêneos, marcados por múltiplas identidades de classe social, gênero, raça, sexualidade e outros (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007).

Portanto, falamos de uma pluralidade de juventudes sobre as quais se exercem diferentes tipos de padrões, oportunidades e opressões. Para as juventudes brasileiras, os processos histórico-sociais e a conjuntura política-cultural influenciam a construção deste conceito que atua como dispositivo de visibilidade e/ou invisibilidade, de possibilidades e dificuldades para os jovens de determinados seguimentos sociais.

No Brasil, os estudos sobre as juventudes emergem e acompanham os processos tardios de industrialização no pós-abolição, os quais provocaram uma série de violências urbanas e capitalistas aumentando as desigualdades consequentes do período de colonização. Para as camadas mais pobres – e predominantemente, negras -, restou a marginalização e os estigmas da marginalidade (FERNANDES, 2008).

Apesar da produção da desigualdade pra juventude negra – e para toda a população negra -, os estudos sobre juventudes, até a década de 1970, apresentavam uma dualidade homogeneizante que segregava os grupos juvenis entre as juventudes universitárias, as quais, apesar do não dito, eram brancas e ricas, e as juventudes negras trabalhadoras (TAVARES, 2012). Nessa homogeneização da juventude trabalhadora, se apresentavam os problemas das

desigualdades socioeconômicas e se invisibilizam, através de estereótipos, as questões relacionadas à raça e ao gênero na divisão do trabalho (TAVARES, 2012).

Em decorrência da divisão de classes para classificação das juventudes, tornou-se comum acessarmos trabalhos nos mais variados campos de conhecimento que lançam mão da “questão social” e geram apagamentos, principalmente sobre as questões raciais, mas também com relação às questões de gênero-sexo. Por outro lado, emergem os estigmas sobre criminalidade, marginalidade, e outros estigmas que operam sobre as juventudes negras.

O balanço da biografia sobre juventude demonstra que predominam as análises que enfocam o lado dos problemas dos jovens, suas atitudes “desviantes”, manifestas em rebeldias, revoltas e delinquências. Observa-se também uma certa polarização nos estudos com concentração em jovens que se encontram excluídos do processo de integração social (WAISELFISZ, 1998, p. 158).

Nesse sentido, tanto o mito da democracia racial brasileira quanto as perspectivas marxistas sobre as lutas de classe, promovem a minimização dos problemas de ordem racial para a produção da desigualdade. A desigualdade no Brasil tem cor e tem gênero (CARNEIRO, 2011).

A partir dos anos 1990, o Movimento Negro Unificado e o Movimento Feminista Negro, figuraram importantes lutas, com o protagonismo juvenil, num período importantíssimo de reivindicação das pautas identitárias na implementação de políticas públicas (RAMOS, 2014). De 1995 a 2002 foram identificados pelo menos 30 programas federais voltados para as diversas juventudes com diferentes enfoques: na educação, no lazer e esporte, na justiça, na saúde, no trabalho, na assistência social, no desenvolvimento socioeconômico, tecnológico e científico e na participação política juvenil (SPOSITO; CARRANO, 2003).

Mesmo assim, aos jovens negros e pobres foram destinados programas de prevenção da drogadição e da transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), de controle de natalidade e de inserção no trabalho industrial (SPOSITO; CARRANO, 2003). O direito à educação, ao lazer e ao esporte, ao bem-estar social, fica restrito às juventudes brancas, ricas e com acesso às universidades.

Durante o governo do presidente Luís Inácio da Silva (Lula), consolidaram-se políticas e compromissos de valorização das diversidades. Foram criadas várias políticas específicas para a juventude negra, para a comunidade LGBTI+, para as mulheres, para as pessoas com deficiência, para a população indígena e do campo, e ainda outros grupos.

Apesar dos compromissos simbólicos com grupos marginalizados, a implementação de políticas públicas não foi suficiente para reduzir significativamente as desigualdades entre brancos e negros, entre homens e mulheres. Com base nos dados do último censo<sup>1</sup>, outras pesquisas e relatórios foram sendo produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e que apontam para a permanência de desigualdades substanciais por raça e gênero. E ainda, outros marcadores como sexualidade e deficiência sequer foram mensurados.

Compreendendo que essas desigualdades impactam diretamente nas possibilidades cotidianas, nas ocupações juvenis e nas ofertas de oportunidade para a realização de determinadas atividades, fica raso dividir as juventudes em dois polos opostos – juventude rica e pobre – como vem sendo proposto por perspectivas que colocam a classe na centralidade da “questão social”.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado<sup>2</sup> e teve como objetivo investigar a corporeidade juvenil no cotidiano periférico a partir dos marcadores identitários de raça, gênero e sexualidade. Assim, o cotidiano será o lugar para as subjetividades e para as diferenças se apresentarem na produção de resistências contra as opressões racistas, coloniais, capitalistas e heterocispatriarcais.

Compreendendo cotidiano a partir de Milton Santos (1994, 1996), como ferramenta de análise de todas as dimensões dos acontecimentos através do espaço/tempo, o cotidiano será tido como o espaço para o acontecimento dos conflitos e, mais do que isso, para a resistência. Sendo o cotidiano o lugar onde se criam resistências contra os processos homogeneizadores da globalização que anulam as diversidades de existência (SANTOS, 1996).

Como raça, compreendemos o conceito histórico-social que justificou séculos de violência contra negros, usado como força política para a colonização e escravização e atualizado para demarcar arenas de lutas políticas e sociais no enfrentamento das consequências coloniais (GILROY, 2007).

Ao falar de gênero, estaremos falando do binarismo homem e mulher imposto pelo sistema colonial-patriarcal e, portanto, referente às violências sexistas também perpetradas pela colonização (HOOKS, 2015). E por sexualidade, compreendemos o conjunto de tecnologias sociopolíticas e culturais que abarca inúmeros elementos, identidades, práticas, expressões e

<sup>1</sup> Atualizado pelas Pesquisas Nacionais por Amostra Domiciliar.

<sup>2</sup> Pesquisa de mestrado intitulada “Raça, gênero e sexualidade: uma perspectiva da terapia ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos”. Todos os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos foram respeitados e o relatório final da pesquisa foi aprovado pela CAAE, Nº 94791318.3.0000.5504.

conexões (PRECIADO, 2004). Assim, o sistema colonial-patriarcal é também heteronormativo, uma vez que a estrutura heterossexual é a que legitima a opressão de gênero e para a sujeição das mulheres enquanto objetos sexuais dos homens (PRECIADO, 2004).

Uma vez estabelecidas as conexões entre os sistemas estruturantes da sociedade, não é possível trata-los de forma indissociável, e por isso, parte-se do pressuposto de que há uma rede de sobreposições e intersecções que permearam os cotidianos juvenis.

## **Metodologia**

Essa foi uma pesquisa qualitativa que buscou compreender valores culturais e representações históricas de grupos e atores individuais, e processos sócio-históricos na implantação de políticas públicas e sociais (MINAYO, 2014). Devendo ser a análise a partir das diferenciações de raça, gênero, sexualidade, idade, classe, e outros elementos que interferem e agem nas condições e experiências de vida (MINAYO, 2014), e, portanto, no cotidiano.

Tendo como pilares os conceitos de juventude, raça, gênero e sexualidade e cotidiano, optou-se por ter a fenomenologia como marco teórico metodológico para a apreensão das experiências individuais e subjetivas, sendo a fenomenologia considerada a Sociologia da Vida Cotidiana (MINAYO, 2014).

Apesar de as pesquisas fenomenológicas terem em comum a busca de significados a partir da experiência, nem todas as perspectivas fenomenológicas tem o mesmo modo de compreender este significado. Partimos da proposição de um diálogo entre a fenomenologia crítica merleau-pontyana (MERLEAU-PONTY, 2011) e a fenomenologia *histórico-racial* fanoniana (FANON, 2008).

A pesquisa aconteceu num município no interior do estado de São Paulo, em um bairro periférico da cidade onde há a instalação do equipamento público Estação Cidadania-Cultura, antes nomeado como CEU das Artes. Este equipamento conta com um espaço físico diverso – salas multiuso, sala preta para teatro, rampa de skate, quadra poli esportiva, sala de informática, e outros –, e está anexo ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). A proposta deste equipamento é reunir, num mesmo espaço físico, ações culturais, esportivas, de lazer, formativas e de qualificação para o mercado de trabalho, e são construídos, preferencialmente,

em comunidades de alta vulnerabilidade social, oferecendo serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital (BRASIL, 2014).

A escolha por este campo deu-se pela concentração de jovens que circulam no serviço, usufruindo livremente e de forma autônoma das diversas oficinas ofertadas. A pesquisa foi realizada com jovens, homens e mulheres, com idades entre 15 e 25 anos que frequentavam o lugar e que fossem residentes do bairro.

Foram critérios de inclusão: (a) frequentar alguma atividade no CEU das Artes, pontualmente ou a longo prazo, em qualquer modalidade; (b) residir no bairro ou nos bairros vizinhos limítrofes; (c) ter entre 15 e 25 anos; e (d) aceitar participar da entrevista por livre e espontânea vontade. E como critérios de exclusão: (a) não se encaixar na faixa etária prevista; (b) não assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido; (c) os jovens menores de 18 anos, cujo responsável legal não assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação; e (d) não ter interesse ou disponibilidade para participar das entrevistas.

Num primeiro momento, para produzir aproximação com os jovens e fazer o reconhecimento do espaço, participei, como observadora, de diferentes oficinas e atividades ofertadas. Entre elas: oficina de skate, oficina de capoeira, oficina de beat, cine debate, oficina de ginástica e zumba, oficina de teatro, reunião de acolhimento do CRAS, oficinas de decupagem, e outras. Além disso, foram feitos diálogos com outras instituições e equipamentos da região por onde havia circulação juvenil: a Unidade Básica de Saúde; a sede de torcedores do Corinthians, a Gaviões da Fiel; o Salesianos; e as duas escolas de Ensino Fundamental e Médio do bairro.

A partir desta circulação pelos espaços, estabeleci vínculo com alguns jovens, convidando-os para participar de duas etapas da pesquisa: (1) uma entrevista no local de escolha de cada jovem; (2) o acompanhamento do jovem em alguma atividade, dentro ou fora da Estação Cidadania-Cultura, que fosse significativa.

A entrevista foi composta por três instrumentos, sendo: (a) Questionário de Dados Pessoais, com perguntas e respostas fechadas e objetivas, cuja função foi caracterizar a população participante a partir de dados sociodemográficos e identitários; (b) Mapeamento das Atividades Cotidianas, instrumento desenvolvido pela pesquisadora para mapear, apreciar e avaliar as atividades cotidianas de cada jovem. Esse instrumento, além de mapear e descrever atividades presentes no cotidiano dos jovens, era constituído perguntas abertas e subjetivas para

que os próprios jovens pudessem apreciar, qualificar e avaliar suas atividades humanas. E, por fim, (c) Entrevista Aberta, que constituiu numa entrevista propriamente dita, com questões semiestruturadas.

Os questionários (a) e (b) foram feitos no formato impresso e, portanto, registrados em papel e, posteriormente, digitalizados. As entrevistas foram áudio-gravadas, com a autorização de cada jovem, e posteriormente transcritas.

Após as entrevistas, participei com os jovens da realização de alguma atividade significativa. Deste acompanhamento, foram registrados diários de campo. Para aqueles que permitiram, também foram registradas fotografias e/ou áudio-gravações. Todo o material produzido foi utilizado na geração de dados.

### **Procedimentos éticos**

Todos os procedimentos éticos em pesquisa com seres humanos foram respeitados. O projeto passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, da Universidade Federal de São Carlos, bem como seu relatório final foi aprovado pela CAAE, nº 94791318.3.0000.5504. Para a apresentação dos resultados, serão usados nomes fictícios para preservação da identidade dos jovens.

### **Resultados**

Foram entrevistados seis jovens com idades entre 15 e 23 anos, sendo três mulheres e três homens, todos cisgênero. Quatro destes jovens se auto identificaram como heterossexuais, uma jovem se auto identificou como bissexual e um jovem respondeu que sua sexualidade ainda estava sendo definida. Com relação a auto declaração de cor, três se auto declararam como pardos<sup>3</sup>, dois se auto declaram negros e uma se auto declarou branca. A renda média familiar variou entre 200 e 3.500 reais, estando todos inseridos nas classes sociais<sup>4</sup> mais baixas, D e E.

<sup>3</sup> Compreendendo a complexidade das questões raciais no Brasil, para fins de pesquisa serão tratados como negros todas as pessoas que se auto declaram também como pardas, uma vez que a categoria negra compreende pessoas pretas e pardas.

<sup>4</sup> As classes sociais, no Brasil, são definidas pela renda familiar. A classe “A” representam as famílias que recebem acima de 20 salários mínimos. A classe “B”, entre 20 e 10 salários mínimos e a classe “C”, também conhecida como classe média, entre 10 e 4 salários mínimos. As classes mais baixas, “D” e “E”, são definidas por rendas entre 4 e 2 salários mínimos e abaixo de 2 salários mínimos, respectivamente. Portanto, todos os jovens entrevistados, por definição, encontram-se nas classes baixas, “D” ou “E”.

Pelo menos três desses jovens não atingiram um salário mínimo<sup>5</sup> per capita ao mês como renda familiar, e dois estavam em situações econômicas consideradas abaixo da linha da pobreza<sup>6</sup>.

Com relação a escolaridade, quatro jovens tinham o Ensino Médio completo, duas mulheres e dois homens. As duas mulheres apontavam pra o desejo de inserir-se no Ensino Superior e ambas faziam cursinhos pré-vestibular, uma delas num cursinho comunitário e a outra num cursinho particular. Nenhum dos homens com Ensino Médio completaram apresentaram o desejo de se inserir no Ensino Superior. A outra mulher ainda não havia completado o Ensino Médio, mas estava matriculada na turma regular a sua idade, e o outro homem não tinha completado o Ensino Fundamental no tempo regular e estava cursando o ensino básico num programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Com relação ao trabalho, no momento da entrevista nenhum deles estava empregado, no entanto, pelo menos cinco deles exerciam funções remuneradas não formais, como: garçonaria, cuidado com crianças/bebês, panfletaria, moto-entrega, arte no semáforo e outros trabalhos eventuais que surgiam. O quadro abaixo representa a caracterização de cada jovem:

**Quadro 1: Caracterização dos jovens\***

	Idade	Raça/cor	Gênero	Orientação Sexual	Escolaridade	Trabalho/ Função/ Profissão	Renda familiar	Nº de pessoas na casa
<b>Kauani</b>	15	Parda	Feminino	Bi	E. M.** Incompleto	Não tem	R\$200	3
<b>Julia</b>	17	Branca	Feminino	Hétero	E. M. Completo	Não respondeu	3 salários mínimos ****	3
<b>Kauã</b>	18	Negro	Masculino	Hétero	E. M. Completo	Desempregado	R\$1000	2
<b>Dandara</b>	18	Negra	Feminino	Hétero	E. M. Completo	Não respondeu	R\$2000	3

<sup>5</sup> Salário mínimo considerado foi o valor oficial para o estado de São Paulo no ano de 2019, que soma um total de R\$1.163,55.

<sup>6</sup> Quando nos referimos as linhas de pobreza temos duas definições feitas a partir de fatores econômicos e que determinam valores monetários referentes aos custos de todos os produtos básicos necessários para sobrevivência. Quando uma pessoa vive com um poder monetário que dá conta apenas de suprir as necessidades básicas para sobrevivência, dizemos que se situa abaixo linha da pobreza. Quando este valor não supre nem os gastos básicos para a sobrevivência, dizemos que está abaixo da linha da extrema pobreza. Quando a pesquisa foi realizada, em 2019, considerava-se abaixo da linha da pobreza pessoas que viviam com uma renda *per capita* abaixo de R\$145, o que significa que cada pessoa da família vive com menos de R\$4 por dia (segundo as estimativas que determinam a extrema pobreza para o Banco Mundial).

\* As respostas no quadro foram reproduzidas conforme o que foi apresentado pelos jovens. \*\*Ensino Médio. \*\*\*Ensino Fundamental. \*\*\*\* Julia foi a única jovem que respondeu a renda familiar em quantidade de salários mínimos. Aproximando os cálculos com base na informação que ela nos forneceu, a renda média familiar era de, aproximadamente, R\$ 3.400,00.

<b>Caique</b>	20	Pardo	Masculino	Hétero	E. M. Completo	Não trabalha	R\$1500	2
<b>Everton</b>	23	Pardo	Masculino	Não respondeu	E. F.*** Incompleto	Estudante	R\$600	8

A partir dessa primeira categorização, foram realizadas as entrevistas com os jovens na tentativa de captar como operam os marcadores identitários de raça, gênero e sexualidade na vida cotidiana. Para apresentar essa parte dos dados neste trabalho, dividiremos a discussão entre algumas áreas da vida cotidiana, sendo: (i) trabalho e renda; (ii) escolaridade; (iii) habitação; e (iv) cultura e lazer.

## Discussão

### Trabalho e renda

Nessa primeira seção partimos de uma análise superficial do quadro de caracterização dos participantes para aprofundarmos as questões referidas nas entrevistas com relação à trabalho e renda. Numa primeira análise, a raça já aparece como importante diferenciador na renda média familiar, sendo que a única jovem branca apresenta maior média na renda familiar. Todos os cinco jovens negros vivem em casas chefiadas por mulheres, sendo que um deles foi criado pela avó. Entre eles, apenas Dandara, cuja renda é a segunda maior, tem a casa chefiada por uma mulher branca. Julia é a única dos seis que foi criada e vive com o pai e a mãe (AMBROSIO, 2020).

De acordo com o relatório “Desigualdade Social por Cor ou Raça no Brasil”, do IBGE (BRASIL, 2019), produzido com base no último Censo, as questões raciais ocupam um lugar central no debate das desigualdades socioeconômicas. Uma vez que a raça está relacionada ao desenvolvimento histórico-social brasileiro e gera importantes diferenças para maior vulnerabilidade econômica e social de pessoas pretas, pardas e indígenas (BRASIL, 2019).

Segundo este relatório, entre as pessoas mais pobres, 19% são brancas e 41,7% são negras. Já com relação a taxa de subutilização<sup>7</sup> da força de trabalho, 18,8% das pessoas nessa situação são brancas e 29% são negras (BRASIL, 2019). Esse relatório aponta ainda que, a

<sup>7</sup> Referente às pessoas desocupadas, ou que trabalham horas insuficientes, ou ainda que estão subocupadas em empregos precários, não formais e/ou extrema instabilidade.

diferença de gênero produz desigualdades substanciais, privilegiando homens em detrimento de mulheres:

Destaca-se a vantagem dos homens brancos sobre os demais grupos populacionais, sendo que a maior distância de rendimentos ocorre quando comparados às mulheres pretas ou pardas, que recebem menos da metade do que os homens brancos auferem (44,4%). O segundo grupo de maior vantagem é o da mulher branca, que possui rendimentos superiores não só aos das mulheres pretas ou pardas, como também aos dos homens dessa cor ou raça (razões de 58,6% e 74,1%, respectivamente). Os homens pretos ou pardos, por sua vez, possuem rendimentos superiores somente aos das mulheres dessa mesma cor ou raça (razão de 79,1%, a maior entre as combinações) (BRASIL, 2019, p. 3).

Essas diferenças podem ser explicadas por múltiplos fatores: o seguimento ocupacional; a falta de oportunidades igualitárias para pessoas negras e mulheres; a taxa de escolaridade (que também é inferior para pessoas negras); a remuneração inferior em ocupações semelhantes para pessoas negras e para mulheres; e outros (ROCHA, 2019). De acordo com o relato dos jovens, os pais de Julia, a mãe de Dandara e a mãe de Caique são os que possuem emprego formal e renda fixa. A mãe de Dandara é a única das cinco mulheres chefes de família que recebe também a pensão alimentícia do pai de Dandara (AMBROSIO, 2020).

A mãe de Kauã é autônoma e trabalha com vendas, a mãe de Kauani trabalha como catadora de recicláveis e recebe auxílios do governo. Na casa de Everton, eles sobrevivem com auxílios do governo e com a renda de bicos feitos pelos dois irmãos de Everton em diversas funções, como ajudante de pedreiro, ajudante de mecânico, garçom e outros (AMBROSIO, 2020).

Julia e Dandara são as únicas que não contribuem com a renda familiar, ainda que Julia faça bicos para juntar dinheiro para si mesma. Já Dandara desempenha a função dos cuidados domésticos e do irmão para que a mãe possa trabalhar e estuda durante a noite. Caique joga futebol em um time de base do interior paulista, mas no momento está sem nenhum patrocinador. Para bancar os treinos e ajudar com a renda em casa, ele faz trabalhos de entrega emprestando a moto do pai (AMBROSIO, 2020).

Kauã e Kauani também contribuem com a renda familiar através de trabalhos eventuais. Kauã faz, na maioria das vezes, trabalhos de garçonaria, mas vez ou outra tem que se submeter a outros trabalhos, segundo ele, mais pesados, como ajudante de pedreiro. Kauani intercala entre trabalhos como cuidadora de crianças e panfletagens (AMBROSIO, 2020).

Everton já contribuiu com a renda da casa, mas atualmente é quem cuida dos serviços domésticos, da avó e das sobrinhas pequenas para que os irmãos trabalhem. Ele acredita que

sua sexualidade e a identificação com os papéis considerados femininos têm relação com o fato de ele ter que fazer o cuidado doméstico (AMBROSIO, 2020).

Do ponto de vista da sociologia, teorias que investigam a divisão da sociedade pelas classes sociais foram ganhando corpo, consistência, sobretudo com o foco no acúmulo de riqueza (ROCHA, 2019). No entanto, segue ainda como uma categoria abstrata que “expressariam apenas o resultado de processos de estratificação, mas não os mecanismos subjacentes de alocação de pessoas numa estrutura de distribuição desigual de recursos econômicos e de poder” (ROCHA, 2019, p. 72).

Isto é, uma perspectiva exclusivamente socioeconômica sobre trabalho e renda, não olharia para as ocupações e, para além disso, para o processo de precarização dos trabalhos subalternos. Recorrendo a Fanon, na perspectiva de um país colonizado, o trabalho, inclusive o trabalho forçado, é tido como consequência natural e civilizatória imposta ao povo colonizado para servir a produção e a ganância dos colonizadores (FANON, 2020). Ao mesmo tempo, o trabalhador colonizado desempregado é visto como aquele que não tem a intenção de colaborar para o desenvolvimento e obtenção dos lucros pelo colonizador e, conseqüentemente, passa-se a criar a imagem do negro preguiçoso, da vadiagem até chegar ao imaginário da delinquência (FANON, 2020).

Retomando as entrevistas dos jovens, Kauani, ainda menor de idade, se insere principalmente no trabalho eventual de babá, com remuneração insuficiente, nenhuma garantia trabalhista e com cargas horárias abusivas. Uma reprodução explícita de uma situação colonial para uma mulher negra, doméstica, numa lógica extremamente precarizada de trabalho e exploração (GONZALES, 1984).

Kauã, embora viva o desemprego no momento, acumula uma diversidade de tentativas não bem sucedidas de inserir-se no mercado de trabalho. Durante o Ensino Médio, ele participou de um programa de qualificação técnica, do qual recebeu um diploma de Técnico de Farmácia. Como relata no trecho a seguir, a desigualdade de oportunidades se apresenta frequentemente em sua vida, fazendo com que ele opte pela instável garantia de trabalhos eventuais, já que não consegue se inserir na estabilidade do emprego formal:

Kauã: Porque, tipo, eu já fui fazer entrevista umas duas vezes no mesmo lugar, e aí no mesmo lugar eles contrataram uma pessoa branca. E, às vezes, as pessoas não tinham nem os mesmos requisitos que eu tinha e que eu fazia parte da área. Eu tenho um amigo meu que ele é branco, e ele é classe média alta, e ele foi contratado primeiro que eu lá [...]. E eu fiz a entrevista duas vezes, e eu sou da área, da área farmacêutica,

---

e ele não é da área farmacêutica. Aí eu acho que as vezes tem isso né?! É foda. Sempre acontece também (AMBROSIO, 2020, p. 89).

Dandara, apesar de não contribuir com a renda familiar, também apresenta relatos de tentativas de se inserir no mercado de trabalho e que também foram mal sucedidas por questões raciais:

Dandara: Na verdade, eu acho que ela [a coordenadora do curso] chamou o meu nome primeiro, aí eu levantei a mão, aí ela falou assim “você acaba de perder uma oportunidade de emprego”. Aí eu falei “por quê?”. Aí ela falou “por causa do seu cabelo”. E na época eu usava trança box braids e da cor lilás (AMBROSIO, 2020, p. 89-90).

Através dos relatos, vão se materializando as questões raciais profundamente implicadas na produção de desigualdades, e as diferenças de gênero, somadas às questões raciais, aprofundam as desigualdades.

## **Escolaridade**

As problemáticas em torno do trabalho e da educação estão intimamente relacionadas, sendo que, na grande maioria dos casos, quanto mais elevado o nível de formação maior é a renda salarial e, quanto maior a renda salarial maior é o nível de formação (ROCHA, 2019). Considerando também que as pessoas negras, homens e mulheres, para terem cargos altos necessitam de muito mais formação do que pessoas brancas e que mulheres necessitam de muito mais formação para ocuparem os mesmos cargos que homens (CARNEIRO, 2011), é estabelecida a mesma relação que no âmbito do trabalho: homens brancos tem maior privilegio, seguidos por mulheres brancas, seguidas por homens negros, seguidas por mulheres negras.

As desigualdades nas oportunidades de trabalho e renda, portanto, justificam, em partes, que mulheres, de maneira geral, tenham um percurso escolar mais longo, e conseqüentemente, maiores níveis de formação (CARROCHANO *et al*, 2008). Por outro lado, os homens, principalmente homens negros, se inserem muito cedo no mercado de trabalho, mesmo que de maneira informal (ROCHA, 2019).

Além dessas questões, já existem uma gama de pesquisas no campo da educação que apontam que tanto a evasão escolar de pessoas negras, quanto a descontinuidade da formação para o Ensino Superior tem causas como: violência racial e bullying, necessidade de contribuir financeiramente com a renda familiar, dificuldades com a mobilidade urbana, e outros fatores (CARROCHANO *et al*, 2008; PASSOS, 2012).

É interessante notar que, dos jovens entrevistados, apenas duas mulheres apresentaram o desejo de ingressar no Ensino Superior. Julia e Dandara trouxeram isso bastante presente em suas falas. Dandara, Kauã, Caique e Kauani tinham formações em andamento ou já concluídas em cursos técnicos. E Everton que, aos 23 anos, cursava o 6º ano no Ensino Fundamental (AMBROSIO, 2020).

Entre as populações mais ricas e brancas, é comum que a transição da juventude para a vida adulta se dê no processo de saída da vida escolar e entrada no mundo do trabalho. Já para as camadas mais baixas dos jovens, principalmente os jovens negros, é comum que acumulem trabalho e escola (CARROCHANO et al, 2008).

Nessa direção, é possível afirmar que, de maneira geral, pessoas negras são direcionadas a obterem formações mais técnicas e profissionalizantes para uma inserção mais rápida no mercado de trabalho, mesmo que isso signifique uma carreira salarial mais baixa. Nesse ponto, podemos fazer relação direta com a criação de políticas públicas para as juventudes pobres, como por exemplo o Programa *ProJovem*.

Assim, as questões raciais e de gênero vão produzindo impactos no âmbito do trabalho e da educação, sendo que trabalho e educação estão, necessariamente, um relacionado ao outro.

### **Condições de vida e habitação**

Outro ponto importantíssimo para a discussão diz respeito a organização do espaço geográfico e das condições de habitação. Nas condições de vida e de saneamento básico as disparidades com relação à raça revelam-se no acesso aos serviços e nas características dos domicílios (BRASIL, 2019).

[...] a chance de uma pessoa preta ou parda residir em um aglomerado subnormal era mais do que o dobro da verificada entre as pessoas brancas. No Município de São Paulo, 18,7% das pessoas pretas ou pardas residiam em aglomerados subnormais, enquanto entre as pessoas brancas esse percentual era 7,3%. [...] verificou-se maior proporção da população preta ou parda residindo em domicílios sem coleta de lixo (12,5%, contra 6,0% da população branca), sem abastecimento de água por rede geral (17,9%, contra 11,5% da população branca), e sem esgotamento sanitário por rede coletora ou pluvial (42,8%, contra 26,5% da população branca), implicando condição de vulnerabilidade e maior exposição a vetores de doenças. Condições inadequadas de saneamento básico estão entre as causas subjacentes e evitáveis de mortalidade infantil (BRASIL, 2019, p. 5).

No âmbito das condições de vida e habitação, o bairro onde a pesquisa foi realizada tem uma construção bastante peculiar. O bairro está, de maneira generalizada, dividido em dois

espaços geográficos complementemente distintos entre si. Uma região é formada por conjuntos habitacionais nos quais foram alocadas centenas de famílias que viviam numa outra região da cidade, em uma área de ocupação irregular que corria risco de desabamento. Na época em que o conjunto habitacional foi construído, o restante do bairro eram apenas loteamentos ainda sem construção (SÃO CARLOS, 2005). Ao longo do tempo, os lotes de terra se transformaram em casas, e outras famílias foram alocadas a partir de programas como o *Minha Casa, Minha Vida*.

As condições das famílias que habitam a região, a priori já eram diferentes. O conjunto habitacional compõe um grande conglomerado de casas, pessoas, famílias, animais e lixo a céu aberto (AMBROSIO, 2020). De maneira geral, as casas de dois quartos são habitadas por uma média de oito pessoas. Enquanto que, as casas para fora do conjunto habitacional são habitadas por uma média de 3 ou 4 pessoas<sup>8</sup>.

A maioria das casas no conjunto habitacional não estão finalizadas, ainda que as obras tenham tido início nos anos 1999. Circulando pelo espaço, encontramos inúmeras casas que não tem portões ou tem portões improvisados com placas de madeira ou telha Eternit, telhados não finalizados, encanamentos rompidos e/ou inutilizados e uma grande quantidade de casas sem acesso a rede de energia elétrica<sup>8</sup>.

A coleta de lixo é bastante restrita e é comum se deparar com um amontoado de lixos orgânicos, inorgânicos e entulhos nos espaços onde deveriam estar contêineres para coleta de lixo. Além disso, há ainda a presença e circulação de um grande número de cachorros, gatos, galos e galinhas, e cavalos nos mesmos espaços onde circulam e vivem as pessoas<sup>8</sup>.

Kauani, Kauã, Everton e Caique vivem nesse conjunto e, com exceção de Kauani, nenhum deles permitia a visita da pesquisadora a casa. Julia e Dandara moravam na outra região do bairro, a qual era composta por casas maiores, com maior espaço entre elas, com construções mais finalizadas e, muitas delas, com reformas substanciais. As duas jovens faziam questão das visitas em casa. Apesar de morarem em locais bastante similares, a casa de Dandara tinha menos reformas, e a casa Julia ocupava dois lotes.

A partir da análise dos contextos habitacionais, emergem novas questões que são atravessadas pela desigualdade racial. A condição de habitação e o acesso aos serviços de

---

<sup>8</sup> Dados do Relatório Anual do CRAS que diz respeito ao documento enviado pela coordenadora do serviço para prestação de contas (in mimeo). Este documento é público e pode ser adquirido por qualquer cidadão através da Secretária de Cidadania do Município de São Carlos.

saneamento básico interferem diretamente no cotidiano dos jovens, e mais do que isso, na qualidade de vida de cada um.

## **Cultura e lazer**

O acesso à cultura, esporte e lazer pode ser considerado outro indicador das diferenças sociais. Em primeiro lugar, a partir das políticas públicas, percebemos que as políticas culturais voltadas aos jovens na periferia estão muito mais relacionadas à educação, formação e inserção no mercado de trabalho. Por outro lado, a pesquisa foi desenvolvida num equipamento específico de cultura, esporte e lazer, e não podemos deixar de analisar qual o formato e a qualidade de oferta das oficinas.

Num primeiro momento, observamos que Everton e Kauani frequentam o CEU das Artes exclusivamente para as atividades obrigatórias da Assistência Social, ou seja, a fruição com relação às atividades culturais, de esporte e lazer não acontecem. Julia e Dandara frequentam o espaço exclusivamente para as atividades religiosas. Ainda que consideremos a prática religiosa como uma atividade cultural, a fruição dessas jovens fica restrita a religião. Kauã e Caique utilizam o espaço com mais frequência, sendo que o primeiro para a oficina de skate e o segundo para a oficina de produção de beats (AMBROSIO, 2020).

Tanto Kauã quanto Caique participam de oficinas com o objetivo de profissionalização. Kauã para se inserir em grandes competições de skate e Caique para poder criar melodia para suas composições de Funk (AMBROSIO, 2020). Nesse sentido, a prática esportiva ou cultural está para além da fruição. Mesmo que ambos tenham prazer e desfrutem dessas atividades, o intuito final é a geração de renda. Ou seja, ainda que esses jovens negros de baixa renda acessem essas atividades, a finalidade da fruição é contribuir com a renda familiar e destinar essa verba a própria sobrevivência como única alternativa de renda (ALMEIDA PRADO, 2019).

Compreendendo que os jovens não faziam uso do equipamento disponível e das atividades ofertadas, tentamos entender o que poderia influenciar o não uso do espaço. Dessa investigação emergem: os conflitos urbanos-institucionais e a relação restritiva que a própria gestão do equipamento estabelecia com os jovens; a precarização das atividades ofertadas; o desinteresse pela maioria das atividades oferecidas e o desejo por outras práticas não contempladas; e, mais especificamente para as mulheres, a privação em decorrência da violência de gênero e do assédio sexual (AMBROSIO, 2020).

Uma vez que haviam diversas situações relacionadas ao não uso do espaço, investigamos também as atividades de cultura e/ou esporte e/ou lazer que eram realizadas pelos jovens. Uma batalha de rimas que acontece no centro da cidade foi mencionada por pelo menos três jovens. Kauã, frequentador mais assíduo, utilizava o espaço da batalha também com finalidades de geração de renda, nesse caso, com relação ao Rap. Como compositor, as competições de rimas eram usadas para que ele ganhasse espaço no circuito de Rap da cidade e da região, já tendo em alguns poucos momentos, conseguido monetizar essa atividade (AMBROSIO, 2020).

Dandara e Kauani, também frequentadoras da batalha, apontaram o desejo de participar com maior frequência, no entanto, questões que atravessam as dificuldades de mobilidade urbana e os riscos relacionados à assédio e violência sexual, impactavam na realização dessa atividade (AMBROSIO, 2020).

Caique apresentava também o futebol e os bailes funk como práticas esportivas e culturais, no entanto, ambas também com a finalidade de geração de renda e profissionalização. Diferentemente de Kauã, Caique já estava inserido no circuito de Funk da cidade, e era frequentemente convidado a tocar em festas universitárias. Nesse sentido, Caique ocupava um lugar bastante conflituoso. Ao mesmo tempo em que se identificava com os jovens universitários nas festas com relação à idade, ao desejo de curtidão e a apreciação do Funk, entendia que aquele espaço também produzia fatores de diferenciação:

Caique: Elas te definem pela sua aparência. Então, sim. Pelo meu jeito de me vestir eu acho que elas não pensam muita coisa boa não. Fala que é estilo de traficante, ladrão (AMBROSIO, 2020, p. 87).

Esse imaginário com relação à criminalidade aparece na fala de Kauã, Kauani e Dandara, que ao relatarem a circulação por espaços como cinemas, shoppings, mercados, lojas, clubes, passam por situações degradantes como por exemplo, serem barrados, serem seguidos por seguranças e, em situações extremas, serem expulsos e agredidos (AMBROSIO, 2020). É importante apontarmos aqui questões relacionadas a marginalização e a legitimidade do genocídio de jovens negros a partir da construção do imaginário social da criminalidade do povo negro (GOMES; LABORNE, 2018).

Tem-se construído um estereótipo em torno do jovem negro da periferia que o coloca na condição de suspeito de qualquer crime: “o jovem negro da favela com alguma coisa na mão

---

que sempre será interpretada pela polícia como arma ou droga, mesmo que seja somente um saquinho de pipoca” (GOMES; LABORNE, 2018, p. 4).

Por fim, e não menos importante, a orientação sexual aparece pela primeira vez como um marcador que impacta substancialmente na fruição cultural e de lazer. Na fala de Everton, apresenta-se quase que uma privação total das atividades de cultura, esporte e lazer relacionado a violências homofóbicas. De acordo com o próprio jovem, ele faz escolhas de não sair de casa para nada que não seja extremamente necessário, como as oficinas do CRAS e a escola, uma vez que sente exposto as violências constantemente.

Já para Kauani, as violências aparecem nos relatos sobre as vivências junto com a namorada:

Kauani: A gente foi no cinema e tinha vários casais, também. Tinha outro casal de lésbicas do nosso lado, na nossa frente. Eu e ela simplesmente sentamos e ficamos abraçadas, só. E a moça falou que se a gente não se comportasse, a gente poderia ser expulsas (AMBROSIO, 2020, p. 129).

Essas e outras situações vão ganhando materialidade no discurso de Kauani e ao mesmo tempo a jovem identifica situações em que o elemento racial se sobrepõe à sexualidade, produzindo violências ainda mais explícitas e agressivas (AMBROSIO, 2020; AMBROSIO; SILVA, 2021).

O campo da cultura e do lazer é bastante complexo e buscou-se pontuar algumas situações nesta seção para as quais podemos olhar, analisar e produzir alguma discussão. Nesse sentido, poderíamos levantar ainda outros questionamentos em torno do que é considerado Cultura e como a cultura negra e periférica ocupa espaços marginalizados? Ou, o que consideramos como lazer e o que é oferecido como lazer a partir das políticas públicas? Ou ainda, como os marcadores identitários interferem na fruição do lazer para os diversos grupos juvenis?

## **Considerações Finais**

Essa pesquisa buscou aprofundar discussões no que tange as desigualdades sociais para as juventudes a partir de recortes que extrapolassem as desigualdades sociais. Para este trabalho, a escolha foi de apresentar quatro principais áreas de discussão pensando na vida cotidiana de jovens negros, mulheres e LGBTQ+. Assim, tentou-se apontar impactos relevantes no campo do

trabalho, da educação, da habitação e da cultura e lazer, ciente de que há muito mais a se discutir.

A pesquisa aponta que há ainda outras áreas da vida cotidiana, como por exemplo, mobilidade urbana, relações familiares, acesso à saúde, estratégias de resistência e sobrevivência, e outros, que podem emergir a partir das análises propostas. No entanto, principalmente no que tange as questões étnico-raciais, há tanto ainda para se explorar que não seria possível esgotar as análises em um único trabalho.

De qualquer forma, o pouco que pode ser abordado neste texto aponta que a colonização e a escravização produziram estruturas de poder, dominação e exploração que seguem precarizando a vida de homens negros e mulheres negras até hoje. E que é mais do que urgente e necessário que as pesquisas sobre desigualdades sociais no Brasil reconheçam a raça como um elemento central na produção de desigualdades.

Por fim, reafirma-se que este debate não está, sequer, longe de ser encerrado, e que a nossa luta não se encerrará até que estruturas coloniais nos libertem completamente de viver sobre os regimes da supremacia branca.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA PRADO, Ana Carolina S. **Trabalho e cultura para jovens artistas: mainstream ou resistência?**. [Dissertação]. Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11259>. Acesso em: Dezembro de 2021.

AMBROSIO, Leticia. **Raça, gênero e sexualidade: uma perspectiva da terapia ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos**. [Dissertação]. Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12374>. Acesso em Dezembro de 2021.

AMBROSIO, Leticia; SILVA, Carla R. Interseccionalidade: reflexões sobre as opressões de raça, gênero e sexualidade a partir da perspectiva crítica decolonial em Terapia Ocupacional. In: ALVES, Alcione C.; ALVES, Miriam C. (Orgs.). **Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas**. Porto Alegre: Rede Unida, 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: Dezembro de 2021.

BRASIL. **O Programa**: Praças CEUs. 2014. Disponível em: [http://estacao.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/28/2017/12/Reflexoes\\_PAC\\_da\\_Cultura\\_2014\\_texto\\_completo.pdf](http://estacao.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/28/2017/12/Reflexoes_PAC_da_Cultura_2014_texto_completo.pdf). Acesso em: Dezembro de 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARROCHANO, Maria Carla et al. **Jovens e Trabalho no Brasil**: Desigualdades e desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Ação Educativa, Instituto Ibi, 2008, 88p. Disponível em: [http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Jovens\\_trabalho\\_Brasil.pdf](http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Jovens_trabalho_Brasil.pdf). Acesso em: Dezembro de 2021.

ESTEVES, Luiz Carlos G.; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane R.; ESTEVES, Luiz C. (Orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007, pp. 21-56.

FANON, Fanon. **Alienação e Liberdade**: escritos psiquiátricos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da “raça branca”. São Paulo: Ed. Globo, 5ª ed., v. 1, 2008.

GILROY, Paul. A crise da raça e da raciologia. In: **Entre Campos: nações, culturas e fascínio da raça**. São Paulo: Anablume, 2007. pp. 29-76.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia P. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista, Belo Horizonte**, v.34, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698197406>. Acesso em: Dezembro de 2021.

GONZALES, Lelia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro – abril, 2015, pp. 193-210. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: Dezembro de 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed., 2011.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 14ª ed., 2014, 407p.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Sociológica**, v. 25, n. 105- 106, 1990. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/25293257/752731297/name/texto+pais+100.pdf>. Acesso em: Dezembro de 2021.

PASSOS, Joana Célia. **Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública.** [Tese]. Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93904?show=full>. Acesso em: Dezembro de 2021.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: N-1 Edições, 2004.

RAMOS, Paulo Cesar. **“Contrariando a estatística”:** a tematização dos homicídios pelos jovens negros no Brasil. 199f. (Dissertação Mestrado). Departamento de Sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7102/DissPCR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: Dezembro de 2021.

ROCHA, Emerson F. **O negro no mundo dos ricos:** um estudo sobre a disparidade racial de riqueza com os dados do Censo 2010. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SÃO CARLOS. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano (SMH DU). **Mapas:** Loteamentos: Cidade: Distritos. 2005. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/habitacao-morar/154835-mapas-loteamentos-cidade-distritos.html>. Acesso em: Dezembro de 2021.

SPOSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 24, set./dez, 2003. Pp 16 – 39. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300003>. Acesso em: Dezembro de 2021.

TAVARES, Breitner. Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v15i1.20683>. Acesso em: Dezembro de 2021.

WASELFISZ, Júlio. Jacobo. **Juventude, violência e cidadania:** os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez Editora, UNESCO, 1998. Disponível em: [https://www.faecpr.edu.br/site/documentos/juventude\\_violencia\\_cidadania.pdf](https://www.faecpr.edu.br/site/documentos/juventude_violencia_cidadania.pdf). Acesso em: Dezembro de 2021.